

Rap e resistência: necropolítica e escala em *Os meninos correm***Rap and Resistance: Necropolitics and Scale in *Os meninos correm***

Everton Santos de Brito⁷⁹
<https://0000-0002-2182-1700>

Karina Figueredo Souza⁸⁰
<https://0000-0002-5704-9767>

Lucas Santos Café⁸¹
<https://0000-0003-2654-0788>

Maria Thereza de Oliveira Azevedo⁸²
<https://0000-0003-2912-2346>

Resumo: Este artigo se propõe a um exercício de análise do poema oral *Os meninos correm* da *rapper* Pacha Ana, para refletir sobre o mal-estar do tempo presente e as possibilidades de resistência pela oralidade. O conceito de escala foi desenvolvido pela sociolinguística e, neste artigo, nos baseamos na coletânea organizada por E. Summerson Carr e Michael Lempert sobre o tema. A noção de escala contribui para o entendimento de que a realidade não é estática, buscando compreender as coisas, os processos, os acontecimentos, a história, a sociedade como elementos dinâmicos. Na discussão, um diálogo com as epistemes decoloniais e afro-diaspóricas, sobretudo, a partir das reflexões do professor Achille Mbembe e o conceito de necropolítica.

Palavras chave: Resistência; Escala; Necropolítica; Rap; *Os meninos correm*.

Abstract: Exercise in the analysis of the oral poem *Os meninos correm* from Pacha Ana, to reflect on the discomfort of the present time and the possibilities of resistance, that's what it proposes this article. The concept of scale developed by sociolinguistics, based on the collection organized by E. Summerson Carr and Michael Lempert on the topic, is the reference for the analysis. The notion of scale contributes to the understanding that reality is not static, seeking to understand things, processes, events, history, society as dynamic elements. In the discussion, a dialogue with the decolonial and afro-diasporic epistemes, above all, based on the reflections of Professor Achille Mbembe and the concept of necropolitics.

Key words: Resistance; Scale; Necropolitics; Rap; *Os meninos correm*.

⁷⁹ Graduado em Artes Cênicas (UNESPAR-FAP). Mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea, Linha de Pesquisa em Poéticas Contemporâneas (PPGECCO-UFMT). Membro da Solta Cia de Teatro de Cuiabá – MT, do Coletivo à Deriva e do Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações e transversalidades. Professor colaborador da MT Escola de Teatro/UNEMAT. Bolsista Capes.

⁸⁰ Graduada em Comunicação Social – Rádio e TV (UFMT). Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea, Linha de Pesquisa em Poéticas Contemporâneas (PPG-ECCO/UFMT), Membro do Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações e transversalidades, do In-Próprio Coletivo e Coordenadora das Áreas Técnicas da MT Escola de Teatro/UNEMAT. Bolsista Capes.

⁸¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia. Cursa doutorado em História na UFMT. Professor EBTT de História no Instituto Federal do Mato Grosso.

⁸² Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. Doutora em Artes Ciências pela USP.

Os meninos correm da bala, da vala, da farda
Pacha Ana

Ela apruma o corpo, levanta a cabeça com altivez, ergue o braço direito para o alto, em posição de luta, como se estivesse se preparando para uma guerra. Os cabelos com um volumoso *dread* agigantam a sua figura no palco. No antigo pelourinho da cidade, na Praça da Mandioca, centro histórico de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, Ana Gabriela Santana, a *rapper* Pacha Ana evoca seus ancestrais para falar/batalhar do/no tempo presente. A palavra é sua arma. Sua voz ecoa na praça: “Os meninos correm da bala, da vala, da farda”. É a competição de poesia falada, o *Slam*⁸³ do *Capim Cheiroso* que entrecruza periferias e centro redesenhando novas linhas de comunicação com a cidade. A artista mato-grossense, mulher, negra, MC, *rapper*, poeta, cantora e compositora, tem se destacado no cenário nacional e há tempos se debruça nesta temática da denúncia/resistência, buscando inspirações e aprendizagem na própria experiência histórica do povo negro, sobretudo, das mulheres pretas.

Neste artigo,⁸⁴ optamos por trazer o poema *Os meninos correm* de Pacha Ana⁸⁵ para propor um exercício de análise a partir da noção de escala, desenvolvida pela sociolinguística, tendo como referência a coletânea organizada por E. Summerson Carr e Michael Lempert sobre o tema, em diálogo com epistemes decoloniais⁸⁶ e afro-diaspóricas, sobretudo, a partir das reflexões do professor Achille Mbembe e o conceito de necropolítica.

⁸³ Slams ou poetry slams são encontros de poesia falada (spoken word) e performática, geralmente em forma de competição, em que um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público, dá nota aos slammers (os poetas), levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e o desempenho.

⁸⁴ Este artigo teve início na disciplina *Performatividades discursivo-afetivas do mal-estar na contemporaneidade*, ofertada pela professora doutora Branca Falabella Fabrício, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL-UFMT).

⁸⁵ Nasceu em Rondonópolis (MT). Seu nome artístico (Pacha) é derivado do Quechua, a língua antiga dos povos incas e pré-incas, significa “mundo” ou “universo”. Pacha tem uma grande atuação no segmento da poesia, é tricampeã do *slam* estadual mato-grossense, foi semifinalista na Copa Brasileira de Poesia – SlamBR em 2017 e finalista em 2018. Atualmente, em turnê pelo Sesc no projeto “A Arte da Palavra”, viajando por 7 estados e 14 cidades brasileiras, com o espetáculo “Faces: A Poesia Negra Em Mim, Em Nós”. Em suas letras, aborda o empoderamento da mulher, do povo preto, a espiritualidade no Axé e suas vivências diárias. Em 2017, foi contemplada no edital da SEC de Cultura de Cuiabá que viabilizou seu primeiro disco “Omo Oyá”, lançado em setembro de 2018 (Texto fornecido pela própria artista).

⁸⁶ A crítica ou o pensamento decolonial ou descolonial é uma tentativa de incluir a América no pensamento pós-colonial, uma vez que os autores pós-coloniais não estudavam ou não se interessavam pelos estudos dos processos de colonização e dominação espanhola e portuguesa na América. A atenção da crítica pós-colonial se restringia aos países de língua inglesa, mais especificamente a Índia e alguns países do Oriente Médio que foram colonizados pela Inglaterra. Diferente do pensamento pós-colonial, a crítica decolonial vai levar em consideração o diálogo com múltiplas epistemes, buscando o pluralismo de ideias e a diversidade epistemológica. A proposta decolonial é que se insira a América Latina nas discussões pós-coloniais, mas, mais do que isso, que se parta da própria América Latina e de sua diversidade epistemológica para entender suas questões. Para Grosfoguel (2014), existe uma pluralidade de visões e diversas formas de pensar no interior da crítica decolonial, afirmando que se fosse única ou se existisse uma única forma de pensar, seria mais uma reprodução do pensamento colonial, como em certa medida, foi a crítica pós-colonial. Sendo assim, não existe um modelo único na crítica decolonial, muito menos a negação ou o desmerecimento de algumas epistemologias europeias importantes para compreender a questão da dominação e da subalternidade.

O rap e as oralidades urbanas

Muitas são as práticas da oralidade, da performance, da palavra, seja escrita nos muros ou falada/cantada em forma de *rap*, que ocupam os espaços da cidade para discutir/escancarar a política de extermínio de algumas populações. No Brasil, essas expressões nos alertam principalmente sobre as políticas de morte e os genocídios enfrentados pelas populações negras. O *rap*, por exemplo, reverbera nos coletivos que se organizam de várias maneiras, seja em forma de batalhas ou *slams* ou mesmo em apresentações nas ruas, em shows. O *RAP* (*rhythm and poetry*) tem ressonância das narrativas orais africanas e remete à tradição dos *griots*⁸⁷. “A força da palavra oral da diáspora africana funciona como um mecanismo depositório de conhecimentos preservados que os colonizadores interditam no discurso oficial” (CARVALHO, 2014, p. 325). Retomando a tradição africana da oralidade, o *rap* surgiu nos bairros jamaicanos na década de 1960 e foi levado para os bairros pobres de Nova Iorque, no começo da década de 1970. No Brasil, o *rap* foi disseminado em São Paulo, na década de 1980, nas danças de *break* entre os integrantes do movimento *hip-hop*.

As narrativas do *rap* normalmente são relatos de violência, discriminação, exclusão e injustiça social contra grupos historicamente subrepresentados e postos em situação de marginalidade. Essa manifestação da literatura oral urbana é considerada pelo historiador Robin Kelley como uma “arma poderosa na luta pela libertação negra” (KELLEY, 2002, p. 11). Está fundamentado em uma “poética da luta e da experiência vivida” (KELLEY, 2002, p. 9), uma forma de resistência cultural para lidar com “as condições da vida diária, das opressões quotidianas, da sobrevivência” (KELLEY, 2002, p. 11). O *rap* ganhou força nos espaços periféricos das cidades brasileiras e acabou por criar especificidades, poéticas singulares a partir do lugar onde se manifesta.

O mal-estar do tempo presente

No tempo presente, o que qualificamos como um mal-estar pode ser percebido a partir da intensificação de certo repertório afetivo: discursos-afetivos de ódio, xenofobia, racismos, misoginia, homofobia, incivilidade, intolerâncias, violências e tantas outras atrocidades naturalizadas, que segregam, ceifam vidas, todavia, são elevadas à condição de normalidade. Boa parte desse mal-estar é causada pela disseminação das ideias neoliberais de desempenho, competição, hiperconcorrência, sucesso e hiperindividualismo que produzem discursos de ódio e buscam destruir possíveis práticas de solidariedade.

Os discursos fascistas vêm recheados de clichês que se amparam em fundamentalismos religiosos, apagamento e silenciamento histórico, memoricídio, epistemicídio da diversidade de saberes, gêneros e sexualidades que divergem do conceito de família tradicional, na qual, o pilar é o homem branco, produzindo assim, ideologias e práticas tóxicas que não são defensáveis eticamente. Apoiam-se na invenção de um passado mítico para legitimar um ideal de pureza de raça e crença, ligado também ao ideal de fronteiras, que são ao mesmo tempo fronteiras geográficas e simbólicas, revelando uma sociedade atrelada a uma série de dicotomias classificatórias, sendo a classificação racial a mais importante delas, pois, como afirma Aníbal Quijano, “a racialização das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do caráter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjetivo” (QUIJANO, 2009, p. 107).

⁸⁷ Os *griots* são considerados guardiões da história e da memória que por meio da oralidade transmitem suas histórias e seus conhecimentos. Muitos são cantadores.

A diversidade de ideias, a manifestação da pluralidade de epistemes assusta os indivíduos dessa sociedade causadora do mal-estar, justamente, porque desestabiliza discursos hegemônicos e hierarquias estabelecidas nos processos de dominação. Na tentativa de perceber possibilidades e desvios diante da sensação de incapacidade, de paralisia que este cenário impõe, nos propomos ao exercício de observar um modo de resistência que se dá pela oralidade do *rap*. Assim, buscamos construir uma reflexão a partir de uma narrativa que pode ser uma alternativa para alertar sobre esses tempos não como o fim do mundo, o fim dos caminhos e a perda das esperanças, mas como denúncia e resistência na busca de uma sociedade mais humana, diversa e plural. Ao observarmos o poema oral *Os meninos correm*, escrito para ser falado, nos detivemos na sua forma, utilizando o conceito de escala, para perceber uma poética de resistência.

Escala e a construção de sentidos na forma

A *escala* é um conceito que veio da geografia e foi desenvolvido na antropologia linguística e na sociolinguística, na tentativa de buscar outras formas de observação dos objetos. Para o sociolinguista Jan Blommaert: “Teorizar envolve a exploração de novas imagens e metáforas, capazes de nos ajudar a imaginar objetos de forma distinta, a vê-los como diferentes, objetos que exigem abordagens analíticas diferentes” (BLOMMAERT, 2007, p. 1).

Assim, a partir da compreensão do conceito de escala, apresentado na obra *Scale – Discourse and Dimensions of Social of Social Life*⁸⁸ pelos organizadores E. Summerson Carr e Michael Lempert, podemos dizer que se trata da formação do sentido que possuímos de real e de concretude, pois a noção de *escala* não possui um caráter hegemônico. Os autores salientam que o mundo material não é pré-configurado, há na materialidade do mundo um complexo trabalho de construção semiótica, envolvendo signos linguísticos e não linguísticos. (CARR; LEMPERT, 2016). Entre outras acepções, a noção de escala contribui para o entendimento de que a realidade não é estática, buscando entender as coisas, os processos, os acontecimentos, a história, a sociedade como elementos dinâmicos. Esta construção não-estática amplia a possibilidade de nos relacionarmos com o objeto de análise. (CARR; LEMPERT, 2016). A compreensão de *escala* sugere movimento e análise – ampliar os referenciais e se manter aberto se torna uma necessidade de um trabalho escalar. Movimento escalar é um movimento produtor de sentidos, sendo que o nosso processo de significação é sempre escalar, uma vez que para atribuir significados daquilo que é real ou material sempre fazemos projeções (CARR; LEMPERT, 2016). As metáforas, por exemplo, são uma projeção escalar. Produção de narrativas são sempre projeções escalares. Fenômenos escalares são sempre fenômenos relacionais, assim toda empreitada relacional é comparativa. Analogias, totalizações, sistemas classificatórios e estereótipos são relacionais, portanto escalares. O sentido não é definitivo, assim, ao nos lançarmos ao exercício de propormos novas projeções, obteremos resultados completamente diferentes. Para os autores “não há escalas ideologicamente neutras, e pessoas e instituições que se destacam nos exercícios escalares geralmente reforçam as distinções que os ordenaram” (CARR; LEMPERT, 2016, p. 3. Tradução nossa).⁸⁹

Pensando, então, na relação entre as imagens disparadas pelo poema *Os meninos correm* de Pacha Ana e as que construímos a partir do contato com a obra de Achile Mbembe,

⁸⁸ *Escala – Discurso e Dimensões do Social da Vida Social* (Tradução nossa).

⁸⁹ “there are no ideologically neutral scales, and people and institutions that come out “on top” of scalar exercises often reinforce the distinctions that so ordained them.”

realizamos um exercício de análise da estrutura do poema, dentro de uma perspectiva escalar. Como defendem Carr e Lempert (2016, p. 3. Tradução nossa):

as escalas nas quais os atores sociais se baseiam para organizar, interpretar, orientar e agir em seus mundos não são dadas, mas são construídas – e um tanto trabalhosas. Escalar não é simplesmente assumir ou afirmar “grandeza” ou “pequenez” por meio de cálculo. Pelo contrário, [...] as pessoas usam a linguagem para dimensionar o mundo ao seu redor. [...]. Embora as coisas possam ser grandes, por analogia, a criação de escala sempre implica em distinções, entre a grandeza da costela de uma baleia e a pequenez de um mármore, por exemplo. Como um esforço inerentemente relacional e comparativo, o dimensionamento pode assim conectar e até confinar o que é geograficamente, geopoliticamente, temporalmente ou moralmente “próximo”, ao mesmo tempo em que distingue essa proximidade da que está “distante”. Da mesma forma, hierarquias em escala são os efeitos dos esforços para classificar, agrupar e categorizar muitas coisas, pessoas e qualidades em termos de graus relativos de elevação ou centralidade. Por exemplo, pense em como uma entidade ou domínio parece abranger outro, como em mapas que subordinam localidades de ordem superior, unidades administrativas ou do modo como se pensa os estados-nação, as comunidades “acima”.⁹⁰

Os meninos correm – escala e necropolítica – um diálogo possível.

Os meninos correm

Os meninos correm,
Os meninos correm almejando tudo,
almejando o mundo,
pensando que a pressa é a solução pra tudo,
mas não é não.
Eles correm por medo,
correm em segredo,
correm na contramão.

Os meninos correm por causa do atraso, correm pra não ser um fardo, e isso nem é um caso isolado.

Os meninos correm,
alguns porque gostam,
outros só porque precisam mesmo.
Inclusive, os meninos correm mas nem todos chegam mais cedo.
Aliás, alguns nem chegam.
Isso porque os meninos correm, mas a polícia também
e todo dia quando ele sai, a mãe pede amém

⁹⁰ “that the scales that social actors rely upon to organize, interpret, orient, and act in their worlds are not given but made—and rather laboriously so. For to scale is not simply to assume or assert “bigness” or “smallness” by way of a ready-made calculus. Rather, [...] people use language to scale the world around them. [...]. Although things can be made big though analogy, scale-making always also entails drawing distinctions, between the bigness of a whale’s rib and the smallness of a marble, for instance. As an inherently relational and comparative endeavor, scaling may thus connect and even confate what is geographically, geopolitically, temporally, or morally “near” while simultaneously distinguishing that nearness from that which is “far”. Similarly, scaled hierarchies are the effects of efforts to sort, group, and categorize many things, people, and qualities in terms of relative degrees of elevation or centrality. Tink, for example, of the way one entity or domain seems to encompass another, as with maps that subordinate localities within higher order administrative units, or of the way nation-states are commonly thought to hover “above” communities.”

pra que nada, nem ninguém
tire o seu maior bem.

Ela reza:

“Oromima, oromimayor, oromimayor, iabadoaiêiê
Oromima, oromimayor, oromimayor, iabadoaiê, iê
Ai, ai oxum, ora iê
Ai, ai oxum, ora iê”

Isso porque os meninos correm,
mas se for de madrugada e ele for preto
já é suspeito!

Parece que ser escuro é defeito.

Os meninos correm da bala, da vala, da farda,
COMO SE AINDA EXISTISSE SENZALA!

Se vive até os 21, é lucro.

Isso é culpa de um sistema fajuto,
onde alguns meninos correm e chegam,
outros, deixam mães em luto.

(Pacha Ana, fevereiro de 2017)

Pacha Ana, fazendo uso do seu lugar de fala – entendendo que lugar de fala também é a fala de lugar –, por meio da oralidade, olha para uma população que se situa à margem, para através do afeto nos aproximar de corpos silenciados, identificados como “suspeitos” por um estado de exceção permanente. *Os meninos correm* traz uma possibilidade de reflexão sobre os processos de retirada de direitos, extermínios de populações racializadas⁹¹ o poder sobre a vida, para construir, assim, um contra discurso. Mbembe (2016, p. 123) afirma que: “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder”. E ainda diz que “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2016, p. 135), sendo que têm se caracterizado como descartáveis os seres humanos do sul global, ou seja, os não europeus, que foram classificados como inferiores a partir de um processo de naturalização de relações sociais que visavam atender os poderosos interesses articulados com a consolidação do capitalismo/colonialismo/patriarcado.

No poema, a utilização da palavra “correm”, numa escala de repetição, sugere distintas imagens, que percorrem desde a leveza do simples ato de correr, do imaginário de meninos que flertam com a infância e a liberdade, até o peso da realidade de alguns corpos que precisam correr para não morrer ou que são mortos enquanto estão correndo. Pacha Ana, ao trazer uma oração/saudação de matriz africana, construindo uma alusão a vozes das mães pretas, utiliza projeções escalares de ancestralidade, racialidade, temporalidade, espiritualidade. Demarca um lugar, sugere um ritmo, uma sonoridade, invoca corpos portadores de saberes ancestrais, tradições orais, propondo olhares para uma cultura que vem sendo historicamente perseguida, constantemente desvalorizada e violentamente silenciada. Grosfoguel (2014) afirma que a expansão colonial europeia significou o genocídio e o epistemicídio de indígenas, africanos e de mulheres. Além disso, o colonialismo realizou um enorme memoricídio, sendo que a estrutura de conhecimento que domina as universidades de todo o mundo está atrelada à estrutura imperialista colonial de poder. O homem ocidental, europeu, branco, heterossexual, cristão, é quem decide o que é o melhor para as demais populações de todo mundo. Nesses processos, ele despreza, invisibiliza, destrói e assassina sociedades inteiras, suas culturas e seus saberes. Segundo Grosfoguel, autores homens,

⁹¹ Termo usado por Quijano (2009) ao denunciar a classificação social a partir da ideia de raça como principal motor do atual padrão de poder mundial.

brancos, de cinco países formam os cânones da ciência desenvolvida em qualquer universidade do mundo. Isso revela um racismo e um sexismo epistemológico iniciado com a modernidade e o colonialismo. Dessa forma, para descolonizar o pensamento é necessário dialogar com uma diversidade epistêmica, buscando enriquecer a maneira de ver o mundo. Ouvir a voz dos colonizados, estabelecer diálogos com saberes e epistemes ancestrais constituem caminhos possíveis para a descolonização do conhecimento. O pensamento e os saberes compartilhados por Pacha Ana, uma mulher negra, por meio do poema *Os meninos correm*, se colocam na contramão da colonização e da permanente colonialidade. A ancestralidade evocada pela poetisa nos faz dialogar com múltiplas epistemes, múltiplos saberes, sobretudo saberes que foram esmagados pela modernidade. Pacha Ana se coloca na contramão da sociedade do mal-estar não por dar voz à ancestralidade, mas por aprender com ela e, assim, tornar-se/ser também essa ancestralidade.

No trecho em que, optando por destacar o verso com letras maiúsculas, sugere um grito, uma atenção maior: “COMO SE AINDA EXISTISSE SENZALA!” observamos uma escala emocional-irônica e histórica, que expõe uma indignação pulsante, descrevendo o cenário que questiona. Em outro fragmento identificamos escalas classificatórias e de ironia: “mas se for de madrugada e ele for preto / já é suspeito! / Parece que ser escuro é defeito”, que evidencia a política de extermínio de corpos negros. Numa *escala* crítica, o trecho “Se vive até os 21, é lucro”, situa a realidade destes corpos que estão à margem, sinalizados, marcados para morrer. Pudemos identificar ainda outras projeções escalares dentro do poema, como por exemplo: escalas de indignação, como no trecho “Isso é culpa de um sistema fajuto, onde alguns meninos correm e chegam, outros, deixam mães em luto”; metafóricas, como em “correm na contramão” e “correm para não ser um fardo”; bem como político-críticas, em “Eles correm por medo, correm em segredo” e “Isso porque os meninos correm, mas a polícia também”.

“A cada vinte e três minutos um jovem negro é assassinado no Brasil”⁹². “Exército dispara 80 tiros em carro de família no Rio e mata músico”⁹³. “75% das vítimas de homicídio no País são negras”⁹⁴. “Assassinatos de jovens negros no Brasil aumentam 429% em 20 anos”⁹⁵. Quando nos deparamos com alguns dados sobre a violência e a criminalidade no Brasil, colocamo-nos diante de informações alarmantes, tanto pelo conteúdo, quanto pela dimensão midiática a qual esse conteúdo é submetido. Que corpos “merecem” viver? Que corpos “merecem” morrer? Quem tem o poder de decisão? O poema *Os meninos correm* discute essas questões e expõe possíveis respostas, ainda que numa perspectiva irônica, a essas perguntas.

Na obra *Discurso sobre o Colonialismo*, Aimé Césaire reflete sobre os diversos “nazismos” cometidos contra povos não europeus, sobretudo os que existiram durante todo o período de colonização e escravização das populações negras, apontando que esses “nazismos” sempre foram aceitos pela população europeia:

no fundo o que não é perdoável em Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação em si, senão o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco, e haver aplicado na Europa procedimentos colonialistas que até agora só concerniam aos árabes da Argélia, aos coolies da Índia e aos negros da África (CÉSAIRE, 2010, p. 21).

⁹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁹⁴ Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>. Publicada dia 05/06/2019. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinatos-de-jovens-negros-no-brasil-aumentam-429-em-20-anos/>. Publicada dia 17/04/2019. Acesso: 10 nov. 2019.

Dialogando com Césaire e Frantz Fanon, Mbembe (2016) observa que o estado de exceção não foi fundado com o nazismo, pois ele existiu anteriormente para as populações negras. A escravidão moderna seria um exemplo de estado de exceção, ou melhor, um estado de terror duradouro. E esse terror duradouro, identificado por Mbembe, simboliza a realidade de boa parte dos negros e das negras brasileiras. Através do cruzamento dos dados do IBGE sobre a população negra no Brasil e o poema de Pacha Ana, podemos afirmar que os negros vivem em um estado de exceção contínuo, um mundo de morte, de mortos-vivos, que, segundo o autor, não pode ser explicado senão pela perspectiva da necropolítica. As novas formas de matar, de fazer de vivos mortos-vivos, não podem ser elucidados pelo biopoder, uma vez que, esta questão é uma política de morte, um ideal de extermínio que acompanha as populações negras desde a colonização.

A necessidade de olharmos para os corpos negros é ressaltada quando olhamos os dados, por exemplo, divulgados pelo *Atlas da Violência 2019*, produzido pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e que publica estudos e dados relacionados ao índice de violência no Brasil. Segundo este estudo:

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos (IPEA, 2019, p. 49).

Correr brincando, correr para chegar à escola, correr para pegar o ônibus, correr por esporte, correr para não morrer, correr para não ser eliminado. Pacha Ana nos conecta com *O Genocídio do negro no Brasil*, uma das primeiras obras escritas por um intelectual negro brasileiro, visando o combate ao racismo e à discriminação racial em nosso país. Abdias do Nascimento (2016) detalha como, historicamente, no Brasil, foi se formando e se construindo um processo de um “racismo mascarado”. Segundo ele, o processo começa com a rejeição da história dos africanos e seus descendentes, passando pelo mito da benevolência do branco português para com o negro e das possíveis “contribuições” do branco civilizado para com o negro “incivilizado”. Para Abdias, na construção desse “racismo mascarado”, houve até quem dissesse que a escravidão e outras atrocidades cometidas contra o negro, seria um mal necessário para o processo de civilização dos mesmos. Neste ponto, voltamos à reflexão proposta por Césaire (2010), de que ao longo do processo de colonização sempre foi permitido e aceito assassinar não europeus, sobretudo, negros.

Influenciado por Frantz Fanon, Nascimento (2016) denuncia a existência do racismo no Brasil, enfatizando a desvalorização da mulher e do homem negro em nosso país, o branqueamento racial e cultural, a perseguição à cultura africana, a bastardização da cultura afro-brasileira e todas as estratégias de genocídio do negro e sua cultura em terras tupiniquins. Segundo o autor, o racismo camuflado existente no Brasil é muito mais nocivo que o “racismo declarado” existente na sociedade estadunidense, pois é sustentado pelo mito da “democracia racial”; o racismo à brasileira se esconde, se camufla, finge não existir. O que dificulta a criação de mecanismos para combatê-lo, contribuindo para um estado de terror duradouro para as populações negras.

Walter Mignolo afirma que a colonialidade era a pauta oculta ou o lado “escuro” da modernidade. Segundo o autor, pensar o conceito de colonialidade já é um ato descolonizador, pois é preciso partir de um olhar decolonial para observar a barbárie existente por trás do discurso civilizatório. “Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis”

(MIGNOLO, 2017, p. 1). Dessa forma, a partir da visão de Mignolo, podemos pensar que por trás do discurso de progresso e de desenvolvimento, estão práticas discursivas e representações que tiram vidas, dizem memórias e exterminam culturas. Autores decoloniais como Ramón Grosfoguel, Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo vão concordar que a principal tarefa dos teóricos decoloniais é quebrar com a colonialidade existente no mundo, a colonialidade está travestida de globalização/modernidade:

Há um fato na cultura de toda a América, e na da América Latina em particular, que envolve o mundo inteiro hoje em sua globalidade e que precisa ser reconhecido, questionado, debatido e evacuado: a colonialidade do poder. Esse é o primeiro passo para a democratização da sociedade e do Estado; da reconstituição epistemológica da modernidade; da busca por uma racionalidade alternativa (QUIJANO, 2014, p. 767. Tradução nossa)⁹⁶

Quebrar com a colonialidade significa utilizar a diversidade epistêmica.

Em ambos os casos, a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e dos desejos epistêmicos foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação à razão. Assim foi configurada a enunciação da epistemologia ocidental, e assim era a estrutura da enunciação que sustentava a matriz colonial. Por isso, o pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais (MIGNOLO, 2017, p. 6).

Concluindo: os meninos ainda correm

Utilizando o conceito de escala para realizar um exercício de análise do *rapper* poema oral *Os meninos correm*, em diálogo com os conceitos de necropolítica e decolonialidade, acreditamos que o poema se apresenta como uma resistência ao mal-estar que atravessa a nossa sociedade. Como, por exemplo, as possibilidades apresentadas de diferentes imagens para uma mesma palavra “correm” ampliam o nosso olhar, nossa forma de nos relacionarmos com a obra e, principalmente, ao que ela convoca, possibilitando questionamentos, propondo uma desestabilização de sentidos pré-concebidos.

A poetisa *rapper* Pacha Ana propõe um esforço de denunciar essa *necropolítica* que atravessa o tempo presente, apresentando uma forma de poema falado que questiona as normas criadas ou construídas culturalmente para excluir, subalternizar e dar prosseguimento à lógica colonial que sustenta o atual padrão de poder mundial. A partir de *Os meninos correm*, entendemos que é possível ressignificar as normas e os discursos que qualificam o mal-estar, revelando que nada é eterno, absoluto e universal.

Se a colonialidade, as ideias neoliberais, o machismo, o racismo, a heterossexualidade compulsória nos obriga a ter determinados comportamentos, se as categorias de dominação construídas pelo homem branco (ocidental, hétero, cristão) nos faz conviver com esse mal-estar, o poema tal como novas/outras epistemes pode apoiar na construção de questionamentos aos discursos e as práticas de dominação hegemônicas. Se as categorias de dominação foram socialmente construídas, se narrativas contam e constroem narrativas,

⁹⁶ “Hay un hecho en la cultura de América toda, y en la de América Latina en particular, que implica a todo el mundo de hoy en su globalidad y que precisa ser reconocido, puesto en cuestión, debatido y evacuado: la colonialidad del poder. Ese es el primer paso en dirección de la democratización de la sociedad y del Estado; de la reconstitución epistemológica de la modernidad; de la búsqueda de una racionalidad alternativa.”

podemos construir contranarrativas, outros discursos que tragam problemas que nos apóiem em nossos processos de resistência. Não se trata de “dar voz” aos corpos oprimidos e sim de pluralizar nossas referências e dialogar com diferentes epistemologias, não apenas como fonte de pesquisa, mas como produtora de saberes que historicamente foram desconsiderados. Descolonizar é aprender e falar com o outro subalternizado. As tensões propostas aqui tiveram como intenção *sulear* a inquietação de pensarmos outros cenários possíveis e criar possibilidades de desestabilizar o pensamento hegemônico que insiste em se manter como verdade única e curso natural da história. Criar resistência é também desestabilizar o olhar colonial que assola o Brasil, determinando os espaços que as populações negras devem ocupar na sociedade.

Deste modo, o exercício de análise do poema *Os meninos correm*, combinando o conceito de necropolítica de Achile Mbembe com a noção de escala para observar estas obras que povoam a oralidade urbana, podem trazer à tona a construção de uma contra narrativa. Neste caso, a resistência está contida também na forma do poema reforçando a possibilidade de criação de outros modos de existência.

Referências

- BLOMMAERT, Jan. 2007. **Sociolinguistic Scales**. Intercultural Pragmatics 4 (1): 1-19.
- CARR, E. Summerson and LEMPERS, Michael (eds.) **Scale: Discourse and Dimensions of Social Life**. Oakland: University of California Press, 2016. DOI: <http://doi.org/10.1525/luminos.15>.
- CARVALHO, José Ricardo. Educação, identidade e literatura oral: o griot na diáspora africana. **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, v. 16, n. 16, p. 313-336, jul./dez de 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Anísio Garcez Homem (Trad.). PALHOÇA, SC: Ed. Letras Contemporâneas, 2010.
- GROSGOUEL, Ramón. **De la crítica poscolonial a la crítica descolonial**. MAEID – Maestría en Estudios Interdisciplinarios del Desarrollo. Universidad del Cauca. Popayán – Colômbia. Youtube: 16/10/2014. 100 min, cor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IpIfyoLE_ek&t=4337s>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- IPEA; FBSP. **Atlas da violência 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 1º nov. 2019.
- KELLEY, Robin. **Freedom dreams. The Black Radical Imagination**. Boston: Beacon Press, 2002.
- MBEMBE, Achile. **Necropolítica. Biopoder, Soberania e Estado de Exceção**. 2016. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> > Acesso em: jul. 2019.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais. RBCS, Vol. 32, n. 94, junho/2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **“Raza”, “Etnia” y “Nación” em Mariátegui**. In: _____. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: Clacso, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009.

[Recebido: 14 out 2020 – Aceito: 19 set 2020]